



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'A Cidade de Ulisses', de Teolinda Gersão]

Rogério Miguel Puga

Para citar este documento / To cite this document:

Rogério Miguel Puga, "[Recensão crítica a 'A Cidade de Ulisses', de Teolinda Gersão]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 223-225.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

ra de chegada sem que o novo discurso seja «estranho» ao enunciado primordial. Servem como exemplos: o significativo poema «Trieste», que resume grande parte das isotopias sabianas, e onde, logo nos vv. 2/3 — «Poi ho salita un'erta, / popolosa in principio, in là deserta» —, o problema da rima se apresenta árduo, transposto, porém, de forma aceitável sem trair a essência dos versos — «Depois subi uma calçada, / populosa ao princípio, mas depressa abandonada» —, com apenas o elemento espúrio «depressa», talvez substituível por «no fim abandonada», até por uma questão de ritmo (p. 56-7); o belíssimo poema «La solitudine» («A Solidão»), cuja tradução evidencia um bom modelo para observar a agilidade do tradutor numa composição que segue um esquema rimático rígido (aba, cbc, etc.), escrupulosamente mantido na versão de chegada através de um procedimento que contempla o signo como mediador de significação (p. 110-1); ou o breve poema «Amai» («Amei») onde a rima fácil «fiore/amore», «dolore/cuore», feita de palavras gastas, se torna para o poeta na mais antiga e difícil do mundo e, para o tradutor, na necessidade de encontrar uma palavra-rima com o lexema «coração» do segundo par, problema satisfatoriamente resolvido recorrendo à sinonímia: «dolore»/«convulsão» (p. 338-9). E a dor, aqui anunciada, pode transformar-se na experiência da beleza, numa experiência de perda e de redenção. Parece ser este o oxímoro de Umberto Saba, a sua serena e desesperada — recorde-se que o título de um dos seus livros é precisamente *La serena disperazione* — procura do conhecimento de si próprio e do mundo.

Manuel G. Simões

FICÇÃO

Teolinda Gersão

A CIDADE DE ULISSES

Lisboa, Sextante Editora / 2011

Catorze anos após a publicação de *A Árvore das Palavras* (1997), e ao celebrar trinta anos de carreira literária, Teolinda Gersão homenageia e ficcionaliza, com *A Cidade de Ulisses*, a capital portuguesa, que de acordo com a tradição (literária) foi fundada pelo protagonista da *Odisseia*. Como conclui o narrador do romance, tal lenda não pode ser ignorada, «como se nunca tivesse existido» (p. 34), pois transporta para Lisboa ficções (re)inventadas ao longo de milhares de anos. Na «nota inicial», que dialoga deliberadamente com as artes plásticas, a autora agradece aos artistas plásticos João Vieira e José Barrias, e identifica fontes de inspiração e intertextos da sua narrativa em torno das artes e de Lisboa, estabelecendo um contrato de leitura com o leitor mais interessado e informado com base no diálogo inter-artes, que ecoa no romance desde cedo. Em 2011 o narrador-artista comenta o fenómeno da produção artística a partir do seu ponto de vista e do ponto de vista do público, bem como o estatuto das várias artes contemporâneas, nomeadamente a literatura, que nos anos 1980 «se alargava e invadia outros domínios, procurava novas formas de se tornar visível», e o leitor-espectador-visitante passava a ter um papel criativo cada vez maior, sendo «levado a entrar nas obras, a circular por dentro delas, a perder-se e encontrar-se nelas» (p. 22). O protagonista comenta ainda a chegada das tendências pós-modernas ao universo artístico no Portugal do pós-25 de Abril e lista muitas das características do paradigma pós-moderno, enriquecendo o diálogo inter-artes ao longo do romance.

O artista plástico/narrador descreve, em forma de carta mental dirigida a Cecília Branco, o seu amor quer por ela, na Lisboa do passado, quer por Sara, na Lisboa do momento da escrita, por entre as imagens, os espaços e a toponímia da urbe de Ulisses. Fernando Pessoa e Shakespeare, bem como as Ofélias de ambos, povoam o imaginário amoroso do texto (p. 29), percorrendo o bardo luso as ruas e os cafés da capital, cujos passado e imaginário são recuperados ao longo do romance, enquanto se acumulam citações e listas de obras sobre as histórias fragmentadas da urbe e do país, que muitas vezes se confundem. Paulo e Cecília flanam pela capital, que é simultaneamente labirinto e mapa, e o narrador desvenda, enumera e descreve sucessivos quadros, quer cosmopolitas quer pitorescos, fragmentos da cidade que são incorporados nas criações artísticas da dupla de artistas. A paisagem real é assim filtrada através da paisagem artística, tendo o fundador Ulisses como eixo unificador. O tempo pretérito, recuperado pelas memórias de Paulo Vaz, invade a narrativa em forma de analepses, através das quais ele dialoga mentalmente com Cecília e torna o discurso mais expressivo. Essas recordações são interrompidas amiúde por comentários teóricos sobre a natureza e a função da arte contemporânea, pois Cecília e Paulo desfrutam dos equilíbrios e conflitos da cidade e transformam-nos em arte. O romance assume-se como um monólogo mental muitas vezes assente na ironia; daí que o protagonista em formação tente criar um mundo artístico por ele determinado, no qual ele dita as regras respeitadas pelo espectador, pois criar é «um exercício de poder» e o artista exerce-o para criar emoções e reacções junto do destinatário (seduzido) da sua obra ao «con-vencê-lo» (p. 23). O diálogo inter-artes revela assim os muitos pontos de contacto en-

tre as diversas artes no que diz respeito à criação de mundos (im)possíveis e à estética da recepção.

O terceiro capítulo convoca o título do romance, que é também o da exposição conjunta que Paulo e Cecília haviam projectado e que é recuperada no início da acção após o convite do director do Centro de Arte Moderna, espaço que, juntamente com os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, abre e encerra o romance, conferindo-lhe circularidade temática em torno do mundo da arte portuguesa e internacional. A (re)invenção artística da Lisboa-lar tem início logo no primeiro capítulo através da representação das diversas paisagens do espaço urbano e da invocação de intertextos que o tornam lendário, nomeadamente os textos de Estrabão, do cruzado inglês que participou na tomada de Lisboa em 1147, e de Santo Isidoro de Sevilha, rede de narrativas ao longo da qual a lenda da estada de Ulisses no vale do Tejo vai ganhando forma com os séculos. Esse mito fundador é também revisitado pelo narrador através de pensamentos e segredos que nunca partilhara com Cecília, sendo o imago-tipo de Ulisses como fundador de Lisboa e a história da própria lenda mais uma vez recuperados na literatura portuguesa. A preparação da exposição leva as personagens a (re)interpretar a cidade dos pudores, dos afectos, da traição, dos gatos e da vida-dentro-da-arte, que é também uma capital afagada pelos cronotópicos rio e mar. A toponímia, o relevo e os espaços simbólicos de uma cidade palimpsésica e carregada de história são interpretados como «um conjunto de fragmentos, restos de cidades construídas umas sobre as outras, de épocas e civilizações que... desapareciam» (p. 58) e que Ulisses metaforiza *ab ovo*, tal como muitas outras figuras históricas referidas ao longo da narrativa memorialística. Uma viagem

às hortas onde agora se estende a Avenida da Liberdade desvenda a cidade de pormenores quase místicos sobrepostos que é necessário saber observar. É essa a lição que dão ao leitor os detalhes, as associações e as imagens da urbe enquanto as personagens-viajantes namoram (por) Lisboa. A cidade é revisitada através das reflexões ou «memórias soltas» (p. 105) do narrador que recuperam experiências sentimentais e formas de se viver Lisboa, mesmo com a presença do FMI em 1983. Trata-se de uma história breve da cidade desde os anos 1970, que, por seu turno, se confunde com a história pessoal dos protagonistas. O romance consiste na interpretação retrospectiva do passado das personagens para o recuperar e re-presentar com a posição crítica que as aprendizagens, as viagens, o amadurecimento e a distância temporal permitem; daí que os verbos «lembrar», «pensar» e «dizer» sejam recorrentes, enquanto o leitor percorre a capital lusa através dos mitos de Penélope, de Ulisses e do eterno retorno (sempre a essa mesma cidade). A carga cultural e simbólica da urbe cronotópica enriquece o romance, e a Lisboa-metáfora assume-se como personagem colectiva sobre a qual o narrador revela segredos e temas que o leitor interessado poderá aprofundar, a par do discurso visual e crítico sobre o estado actual da nação.

São vários os modelos de escrita romaneados, nomeadamente a carta (p. 13, 16-17, 148-52) e o diário-caderno (p. 193-203), bem como outras formas de registar ou plasmar a realidade e o passado de forma artística, como a fotografia, a pintura e a escultura de cariz realista (p. 38-9). O monólogo privado que constitui a longa 'épistola mental' de Paulo Vaz permite que tudo possa ser dito e esclarecido ao leitor sem medo das reacções das demais personagens, e faz parte do arquivo

pessoal e psicológico do protagonista, cujo percurso formativo se confunde com o de Lisboa. Essa estratégia narrativa permite revelar confissões e pensamentos que nunca chegaram a ser verbalizados pelo narrador, ou seja, muito daquilo que ficara por dizer. Assim sendo, o discurso silencioso de Paulo assume-se como registo do impossível, conforme a própria personagem sugere ao adjectivar a carta «Impossível» (p. 18) que o leitor lê no romance, mas que jamais será escrita. *Cidade de Ulisses* assume-se como um exercício a que poderíamos chamar «dizer-tudo-o-que-não-te-disse-a-tempo», um quase *mea-culpa* em forma de fluxo de consciência(s) após a desgraça e o reencontro amorosos. O romance de espaço de Teolinda Gersão é uma carta-monólogo sobre uma cidade que se transfigura e desfoca(liza) com o fim de uma relação amorosa e o início de outra, mais feliz. Se o segundo capítulo sumaria os quatro anos da relação dos protagonistas, bem como o ambiente e a produção cultural do país entre 1983 e 1987, o terceiro e último capítulo apresenta uma paisagem menos positiva da urbe, após o exílio de dez anos do narrador. O ponto de vista muda e com ele a forma de vivenciar e descrever Lisboa, que continua a ser a mesma cidade de Ulisses, mas em crise económica e de valores, espaço entristecido até o narrador se voltar a apaixonar e começar a escrever também para uma outra narratária, Sara. O registo e o imaginário masculinos revelam ao longo da *Cidade* que o amor, tal como Lisboa, não são nem simbolizam a união, mas a divisão ou a multiplicidade, e o mote da exposição — a descoberta de si mesmo e da urbe de Ulisses — acaba por ser também o do mais recente romance de Teolinda Gersão.

Rogério Miguel Puga